
**A PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DO 7º ANO, DA ESCOLA MUNICIPAL FELIPE NERIS MACHADO, EM CAXINGÓ (PI):
um destaque para a intertextualidade**

THE TEXTUAL PRODUCTION OF THE 7TH YEAR STUDENTS OF THE
MUNICIPAL SCHOOL FELIPE NERIS MACHADO, IN CAXINGÓ (PI):
a highlight for intertextuality

Ana Christina de Sousa Damasceno ¹
Christiana de Sousa Damasceno Oliveira ²
Maria Durciane Oliveira Brito ³

RESUMO: Mesmo sendo a leitura reconhecida como elemento fundamental, não só no âmbito escolar é indispensável que a realidade vivenciada, em diversas instituições, deixa muito a desejar quando se trata de produção textual realizada pelos alunos e demais atividades que envolvam o ato de ler e a produção de textos. Temos como público alvo os alunos, que serão direcionados a uma reflexão prática acerca da sua produção textual por intermédio da intertextualidade, para isso serão utilizados os mais variados gêneros textuais. Diante dessa realidade propomos trabalhar a intertextualidade como meio e incentivo à produção textual. Para tanto nos questionamos como despertar o interesse pela leitura de maneira que desenvolva, também, o gosto pela produção textual em suas variadas tipologias através da intertextualidade dos alunos do 7º ano da Escola Municipal Felipe Neris Machado, em Caxingó (PI)? Nesta pesquisa tivemos como objetivos: Despertar o interesse pela leitura de maneira que desenvolva, também, o gosto pela produção textual em suas variadas tipologias através da intertextualidade; Desenvolver a capacidade de escrever um texto baseado em outro texto; Perceber a relação entre leitura e escrita; Aprofundar o conhecimento de leitura de mundo, partindo da intertextualidade presente nos textos lidos; Refletir sobre o uso da língua escrita, a partir de vários gêneros de textos utilizados no dia a dia. Esta pesquisa baseia-se em uma intervenção realizada na sala supracitada nas aulas de Língua Portuguesa, e tivemos como principais resultados a conectividade da intertextualidade ancorada na produção textual e esta feita partindo, de forma significativa, das reflexões dos alunos.

Palavras-chave: Produção Textual, Leitura, Intertextualidade.

ABSTRACT: Even though reading is recognized as a fundamental element, not only in the school context, it is essential that the reality experienced in several institutions leaves much to be desired when dealing with textual production carried out by students and other activities involving the act of reading and the production of texts. We have as target audience the students, who will be directed to a practical reflection about their textual production through intertextuality, for this the most varied textual genres will be used. Given this reality, we propose to work on intertextuality as a means and incentive to textual production. Therefore, we ask ourselves how to arouse interest in reading in a way that also develops a taste for textual production in its various typologies through the intertextuality of 7th grade students at Felipe Neris Machado Municipal School, in

¹ Doutoranda em Ciências da Educação (UTIC); Mestre em Letras (UESPI); Especialista em Educação Infantil (UESPI) e em Gestão Municipal de Educação (UFPI); Graduada em Pedagogia (FAP/UNINASSAU) e em Letras/Português (UESPI). Coordenadora Pedagógica Rede Pública Municipal de Ensino de Caxingó – PI e professora do Ensino Superior no Instituto Dexter. msc.anadamasceno@hotmail.com.

² Mestranda em Ciências da Educação pela UTIC – PY. Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia pelo INTA – Ce. Professora da rede Municipal de ensino de Parnaíba e da Faculdade DEXTER. chrisousad@hotmail.com.

³ Mestranda em Ciências da Educação – UTIC PY; Pedagoga(UFPI), Especialista em LIBRAS (INTA e UFPI); Professora Substituta do IFPI- Campus Parnaíba. durciane@ifpi.edu.br

Caxingó (PI)? The objectives of this research were: To arouse interest in reading in a way that also develops a taste for textual production in its various types through intertextuality; Develop the ability to write a text based on another text; Understand the relationship between reading and writing; Deepen the knowledge of reading the world, starting from the intertextuality present in the texts read; Reflect on the use of the written language, from various types of texts used in daily life. This research is based on an intervention carried out in the aforementioned room in Portuguese language classes, and the main results were the connectivity of the intertextuality anchored in the textual production and this is done starting, in a significant way, from the students' reflections.

Keywords: Textual Production, Reading, Intertextuality.

1. INTRODUÇÃO

Por ser a leitura e a produção textual vistas pelos alunos como algo difícil e de certa forma estranha, e por serem diversificados os gêneros textuais, decidimos trabalhar na perspectiva de instigar os alunos a ler e a produzir o que mais lhe chamar atenção, trazendo, assim, a leitura para o dia-a-dia destes, despertando seu interesse nas aulas de língua portuguesa, assim como em outras disciplinas nas quais exija que o aluno seja capaz de fazer leituras e produções, de acordo com as exigências da escola, partindo de textos já existentes na sociedade, dando-lhes como suporte para uma nova produção, buscando por meio da prática da intertextualidade e dos conhecimentos já adquiridos a escrita de textos próprios e contextualizados a sua realidade.

Por ser o texto produzido a partir da posição histórico-social do autor, é claro que ele imprimirá, consciente ou inconscientemente, no discurso produzido, marcas de sua ideologia. Desse modo, um dos pontos fundamentais na exploração do texto será levar o aluno a perceber essas marcas deixadas pelo autor. Ao aluno deve ser mostrado que a intencionalidade do autor não aparece apenas no tema abordado, mas também no vocabulário escolhido, no sentido dado a cada palavra, na construção sintática e, sobretudo, na forma especial como ele organiza seu texto para atingir seus objetivos.

Para que o aluno encontre e dê significação ao texto, é necessário que ele saiba que o referente pode não estar claramente expresso. Por isso, precisa saber que traz um enorme repertório de textos em sua memória, embora não tenha clareza e consciência desse fato, que o ajudará a montar as espécies desse jogo. É preciso mostrar-lhes que, nesse momento, entra toda a sua experiência e vivência para a recuperação dos significados do texto que será mais intensa quanto maior for sua capacidade de inserção nesse processo.

O aluno deve ser direcionado, mas jamais induzido no seu processo de dar sentido ao texto, para que não se corra o risco de impedi-lo de uma apropriação particular da significação do texto, agindo, assim, terá pleno desenvolvimento e construirá seus textos partindo do que

estudou e do que sente. Finalmente, a seleção de textos deve considerar tudo o que a literatura acumulou ao longo da história que constitui a produção cultural da humanidade. Desde os gêneros mais conhecidos até as manifestações linguísticas mais prosaicas, uma gama variada de textos deve ser oferecida ao aluno: narrativos, descritivos, dissertativos, poéticos, jornalísticos, publicitários, instrucionais, enciclopédicos e não verbais.

Portanto, entendemos a intertextualidade como inspiração para a criação de novos textos, com uma base escrita, por meio dela pode-se fazer uma ligação nítida entre um texto já existente e uma produção textual criada pelos alunos. Tal criação ou mesmo reescrita é produto de um texto social e que apresenta um salutar conhecimento escolar. Esta prática apresenta possibilidades de criação e inovação textual, proporcionando aos alunos senso crítico para selecionar o que se tem de aprendizado e de importante, descartando, conseqüentemente, o que não lhe agrada, de uma forma a incentivá-lo na criação de novos textos.

A intertextualidade é caracterizada inicialmente por Kristeva (1974, p.64) quando afirma que ‘todo texto é um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto’, e sendo a intertextualidade um recurso imanente para a confecção de novos textos subjacentes à interpretação e dialogismo ao texto original ou fonte de inspiração, é que decidimos trabalhar na perspectiva da produção textual por meio da intertextualidade.

A produção textual por meio da intertextualidade foi escolhida como temática deste projeto por apresentar-se como didática eficaz na construção de sentidos e de discussões sobre os vários sentidos de um ou mais textos. E, pela necessidade de se aprimorar as práticas da leitura, da escrita e da produção em sala de aula, de maneira atrativa e socialmente inclusiva.

Mesmo sendo a leitura reconhecida como elemento fundamental, não só no âmbito escolar, mas de forma geral, é indispensável que a realidade vivenciada, em diversas instituições, deixa muito a desejar quando se trata de produção textual realizada pelos alunos e demais atividades que envolvam o ato de ler e a produção de textos. Portanto, essas atividades relacionadas devem ser trabalhadas juntas, pois não há bons escritores sem auxílio de uma boa leitura.

Temos como público alvo os alunos, que serão direcionados a uma reflexão prática acerca da sua produção textual por intermédio da intertextualidade, para isso serão utilizados os mais variados gêneros textuais.

Diante dessa realidade, propomos trabalhar a intertextualidade como meio e incentivo à produção textual. Para tanto nos questionamos como despertar o interesse pela leitura de maneira que desenvolva, também, o gosto pela produção textual em suas variadas tipologias através da intertextualidade dos alunos do 7º ano da Escola Municipal Felipe Neris Machado, em Caxingó (PI)?

Nesta pesquisa tivemos como objetivos: Despertar o interesse pela leitura de maneira que desenvolva, também, o gosto pela produção textual em suas variadas tipologias através da intertextualidade; Desenvolver a capacidade de escrever um texto baseado em outro texto; Perceber a relação entre leitura e escrita; Aprofundar o conhecimento de leitura de mundo, partindo da intertextualidade presente nos textos lidos; Refletir sobre o uso da língua escrita, a partir de vários gêneros de textos utilizados no dia a dia.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante das especulações acerca da leitura, da escrita e produção textual, verifica-se que o conceito de leitura está corriqueiramente restrito a decifração de signos linguísticos, ou seja, da escrita, porém esse processo de leitura dá-se em meio a um processo histórico-social que interfere na formação global do indivíduo, perfazendo, assim, uma ampliação de suas capacidades sociais e cognitivas.

Historicamente, para a escola saber ler e escrever significa possuir bases de uma educação básica para a vida e para sobrevivência adequada à condição humana, viabilizando não somente o desenvolvimento das faculdades intelectuais e espirituais, mas relacionando-as a aptidões físicas, o que possibilita a integração efetiva do indivíduo na sua sociedade, incluindo- em meios sociais e transformando-o em um atuante usuário da língua.

Observa-se diante da evolução dos tempos ocorreu o aprimoramento da leitura e da produção textual, visto que lendo e interpretando de forma contextualizada a produção escrita será realizada de forma consciente e não mecanizada. Nesse aspecto, voltando os olhos para a leitura, a intertextualidade e a produção textual, eficientes e críticas, para a educação de leitores e produtores textuais eficazmente envolvidos e responsáveis pela autenticidade desses processos, ter-se-á a possibilidade de a leitura ser “a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo. Todavia, os próprios educadores constatarem sua impotência diante do que denominam a crise da leitura” (SILVA, 2005, p.25). De acordo com a afirmação de Silva (2005) vê-se uma relação íntima entre o ato de ler e as

suas atribuições aos leitores, havendo, diante disso um pleno desenvolvimento das demais áreas do conhecimento.

A ligação entre leitura e escrita é compreendida como práticas complementares entre si, fortemente relacionadas que são modificadas durante o processo de letramento, de modo que elas se modificam, transformando-se em seu processo de dinamicidade e evolução

O trabalho da leitura é um processo no qual o leitor realiza sua construção ativa do significado do texto, partindo de seus objetivos, seu conhecimento prévio sobre o autor e determinadas palavras, referente a tudo sobre a língua convencional e do sistema linguístico.

Pressupõe-se que o ato de escrever seja uma busca, uma investigação do mundo ou de si mesmo. Essa busca deve proporcionar prazer. Portanto, o prazer é o próprio escrever e dessa maneira as atividades que o indivíduo realiza desde criança (ex.: brincar, jogar, fantasiar) não só podem como devem ser resgatadas no momento da criação de textos.

Parafraçando Silva (2005) que levando em consideração o ato de ler e a escrita, utiliza-se termos que nos fazem recorrer à reflexão crítica a cerca desse processo intrínseco ao desenvolvimento humano, significando, pois que os procedimentos desse processo devem orientar as ações docentes na definição no tipo de abordagem que deve ser enfatizado na intervenção pedagógica. Por tanto, a busca do desenvolvimento das várias capacidades ligadas à leitura e a escrita devem focar: o *introduzir*: levando os alunos a se familiarizarem com conteúdos e conhecimentos específicos; o *trabalhar*: sistematizado para favorecer a aquisição e aprendizagem dos vários conteúdos; por fim procurar *consolidar* no processo de aprimorar a leitura o enfoque linguístico na produção textual.

É salutar, à sociedade, ressaltar a interação entre a leitura comprometida por parte dos alunos, bem como a intervenção do professor acerca da produção textual, enfocando a leitura ora feita e entendida para o surgimento de um outro texto, criando-se, assim, uma gama de predisposições para esse texto que terá por base um outro texto que fomente a produção textual.

Analisaremos a cada item proposto neste projeto como maneira eficaz de metodologias para a utilização em sala de aula.

2.1. Intertextualidade

Intertextualidade é a relação entre dois textos caracterizada por um citar o outro, ou até mesmo servir de base para que outro seja escrito, lembrado que todo texto é um intertexto, ou seja, todo texto é embasado em outro. O que acarreta ao leitor uma responsabilidade de identificar tais ligações e citações. Nesse aspecto, Beaugrand e Dressler citados por Kock e Travaglia, informam que:

A intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, isto é, diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependendo de um ou mais textos previamente existentes. (KOCH E TRAVAGLIA, 2005, p. 88)

Nisto verificamos que a intertextualidade é uma forma de diálogo entre textos, que pode se dar de forma mais implícita ou mais explícita e em diversos gêneros textuais, que devem ser contextualizados de acordo com a realidade vivida.

O intertexto serve para ilustrar a importância do conhecimento de mundo e como este interfere no nível de compreensão do texto. Ao relacionar um texto com outro, o leitor entenderá que a intertextualidade é uma das estratégias utilizadas para a construção dos mesmos e que partindo desta se viabiliza uma leitura e desta uma produção, significando que um texto nasce de outro texto por meio da intertextualidade. Nesse sentido é que apresentamos a intertextualidade como ferramenta para que o aluno pode utilizar para construir o seu texto.

Para Koch (2002, p.15): “(...) o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores como sujeitos ativos que, dialogicamente, nele se constroem e são construídos” e ressalta que “o sentido do texto é, construído na interação texto-sujeito”. Dessa forma notamos a salutar relação entre as leituras prévias do sujeito que escreve, a intertextualidade que resulta em um texto próprio e cheio de marcas pessoais.

Podemos assim caracterizar a intertextualidade como "um fenômeno constitutivo da produção do sentido e pode-se dar entre textos expressos por diferentes linguagens" (SILVA, 2002). Deve-se, pois, investir na ideia de que todo texto é o resultado de outros textos. Isso significa dizer que não são puros. Quando se diz algo num texto, é dito em resposta a outro algo que já foi dito em outros textos. Dessa forma, um texto é sempre oriundo de outros textos orais ou escritos.

A intertextualidade é classificada por Koch (2003) em dois sentidos: o amplo e o restrito. Segundo a autora o sentido amplo fala sobre o diálogo, nesta perspectiva o diálogo

entre os textos está não necessariamente no plano material de signos linguísticos, mas no plano de enunciado da ideia, ou seja, na intenção do autor do texto, o que ele pretende com o seu texto e que impressões irão compor seu texto. Já no sentido restrito a intertextualidade se dá com “a relação de um texto com outros textos previamente existentes, efetivamente produzidos” (Koch, (2003), para tanto verificamos que existe uma ligação direta entre textos pré-existentes aos produzidos pelos alunos em sala de aula.

Para que haja certa coerência e compreensão da leitura é importante para o leitor o conhecimento de mundo, um saber prévio, para reconhecer e identificar quando há um diálogo entre os textos. A intertextualidade pode ocorrer afirmando as mesmas ideias de um texto ou apenas contestando o que ali se apresenta. Como salienta Charaudeau (apud PAULIUKONS e GAVAZZI, 2005, p.14-16) diante da leitura e suas inferências diante dos recursos da intertextualidade advém de uma vivência no mundo, notando-se que a semiotização do mundo se dá em duplo processo: o da ‘transformação’ – a qual o sujeito falante parte de um mundo a dar significado e o da ‘transação’ – em que o mundo se torna objeto de trocas com outros sujeitos.

Segundo José C. Azeredo (2007, p.133) “a nossa memória textual atua no tecido de nossos discursos, ligando os contextos históricos e impregnando de sentido os textos que produzimos”. É este recurso da linguagem é que faz da intertextualidade um importante elemento de aplicar significado aos diferentes intertextos. Simplificando tal fenômeno podemos inferir que a intertextualidade é dizer com outras palavras o que já foi dito, ou usar tais palavras para refutar o que foi dito, ou ainda, a intertextualidade é uma espécie de conversa entre textos; esta interação pode aparecer explicitamente diante do leitor ou estar em uma camada subentendida, nas entrelinhas do texto. De forma a contribuir tanto pra a interpretação como base para a produção textual.

2.2. Leitura

A leitura é a base fortificadora do processo de ensino/aprendizagem. Sendo por meio dela que se solidifica saberes e se constrói conhecimentos, devendo ser priorizada e bem trabalhada na escola, enquanto instituição responsável pela educação e desenvolvimento social, cognitivo e afetivo de seus leitores. Não obstante, ela deve ser reconhecida como elemento de fundamental importância, não só no âmbito escolar, mas de forma geral, é indispensável que a realidade vivenciada em diversas instituições deixa muito a desejar

quando se trata da competência do corpo docente em atividades que envolvam o ato de ler e produzir textos, estando essas atividades relacionadas, é importante que ambas sejam trabalhadas juntas, pois não há escritores sem auxílio de uma boa leitura.

Compagnon (2003) defende que a leitura tem a ver com empatia, projeção e identificação, cabendo ao leitor fazer suas escolhas de leituras, quando estas são impostas, acaba por se ter uma falha na interação do texto com o leitor, este, ler e interpreta, apenas e meramente, por obrigação não se dedicando ou abstraindo do texto o que ele tem de informativo.

Verificamos que o papel do leitor, hoje "é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo; aliás ele não pode compreender um livro se não compreende ele próprio graças a seu livro" (COMPAGNON, 2003, p. 144), nisto verificamos a eficácia da leitura na formação da criticidade do leitor, bem como um profundo reconhecimento de si em suas leituras, abstraindo delas o que de essencial possui para sua formação pessoal e social.

Analisando a literatura contemporânea, viabilizamos certa preocupação com o papel do leitor e como este interage com o texto, verificando como crucial a mediação e orientação do professor e suas estratégias para que a leitura se realize de maneira eficaz. Assim, afirma Compagnon (2003, p. 144): "o problema principal está com o leitor, a quem é preciso ensinar a ler mais cuidadosamente, a superar suas limitações individuais e culturais, a respeitar a liberdade e a autonomia da obra".

Sabemos que todo texto, seja ele literário ou não, é oriundo de outro, seja direta ou indiretamente. Qualquer texto que se refere a assuntos abordados em outros textos é exemplo de intertextualização.

Enfim, o trabalho da leitura é um processo no qual o leitor realiza sua construção ativa do significado do texto, partindo de seus objetivos, seu conhecimento prévio sobre o autor, sobre determinadas palavras, contexto histórico e cultural, entre demais fatores referentes ao texto e suas significações.

Em síntese, Leffa (1999, p. 14-15), salienta que "(...) quando lemos, provocamos uma mudança em nós mesmos, e essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo". Tal leitura modeladora intervém não apenas em uma mudança cognitiva do indivíduo, mas

também em um desenvolvimento físico e social de cada um que se apropria dela. É esta mudança que esperamos de nossos alunos diante da prática corriqueira da leitura.

2.3. Produção Textual

Para que o leitor encontre e dê significados ao texto, é necessário que ele saiba que o referente pode não estar claramente expresso. Por isso, precisa saber que traz um enorme repertório de textos em sua memória, embora não tenha clareza e consciência desse fato, que o ajudará a montar as espécies desse jogo da leitura. É preciso mostrar-lhe que, nesse momento, entra toda a sua experiência e vivência para a recuperação dos significados do texto que será mais intensa quanto maior for sua capacidade de inserção nesse processo.

Para início de conversa sobre a produção textual, refletimos o que ensina Bernardin (2003) quando fala do indivíduo e sua inserção em uma cultura escrita:

Não se limita à apropriação do ler-escrever; ela requer e constroi, ao mesmo tempo, um domínio simbólico, posterior, reflexivo, explícito, consciente, que toma a linguagem como objeto, rompendo, assim, com os modos de uso em que ela permanece uma prática que se ignora como tal, que se esquece em seu funcionamento e se funde nos atos, nos acontecimentos e nas situações. Entrar na cultura escrita é modificar sua relação com a linguagem e sua relação com o mundo, é construir para si modos de pensamento que venham ordenar, questionar e, portanto, transformar o que, na experiência cotidiana, pode tanger ao uso e à prática implícitos, não-conscientes. Tal disposição geral em relação às práticas, linguísticas ou outras, parece acompanhar não somente a construção progressiva dos conhecimentos, mas a elaboração de uma relação com o saber que permite construir o mundo e a experiência como objetos de conhecimento e a si mesmo como sujeito conhecedor (p. 15).

De acordo com esse autor, podemos afirmar que a entrada no mundo da escrita dá-se de diversas maneiras, independentemente de termos domínio autônomo para ler e escrever textos. A cultura escrita, apesar de complexa apresenta-se na vida de um indivíduo deste muito cedo, o que é necessário aprimorar é seu domínio sobre, este é o papel da escola.

A produção textual faz parte de uma das funções da língua, isso acontece porque, como foi proposto por Bakhtin (2000, p. 279): “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”, ou seja, na produção criam-se textos escritos, como na fala cria-se textos orais.

Para uma efetiva produção textual de seu alunado o professor baseia-se em uma extensa lista de texto pré-existentes, aos quais Marcuschi (2002, pp. 22-23) refere-se como gêneros textuais:

Uma noção propositadamente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio – comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal.

Para tanto, o professor deve levar em consideração a seleção de textos e tudo o que a literatura acumulou ao longo de sua história que constitui a produção cultural da humanidade. Desde os gêneros mais conhecidos até as manifestações linguísticas mais prosaicas, uma gama variada de textos deve ser oferecida ao leitor, ao longo de sua vida: narrativos, descritivos, dissertativos, poéticos, jornalísticos, publicitários, instrucionais, enciclopédicos e não verbais, desde modo trabalhar-se-á a produção inspirada e contextualizada em leituras prévias e embasadas em outros pensadores.

Tal conceito de gênero textual muitas vezes é confundido com o conceito de tipo textual. No entanto, trabalharemos neste projeto como conceito de tipo textual:

Uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. (MARCUSCHI, 2002, p. 22).

A devida apropriação dos vários sentidos dos textos permitirá ao leitor a formação de um significado mais amplo, que passa por um processo de autoconhecimento, ampliando seu quadro de valores até chegar a uma visão mais crítica da sociedade, dando-lhes embasamento de escrever seu texto. Finalmente, a seleção de textos deve considerar todo o contexto histórico-cultural do leitor, para que este se interessando pela prática da leitura, possa dissertar sobre o que leu, ampliando seus conhecimentos linguísticos de leitura e produção textual.

Neste contexto, Schneuwly e Dolz (1999, p. 7) afirmam que os gêneros textuais funcionam como: “um modelo comum, como uma representação integrante que determina um horizonte de expectativa para os membros de uma comunidade confrontados às mesmas práticas de linguagem”, os autores enfocam o devido papel da produção textual, notabilizamo-la como um sistema, organizado e estruturado com base em princípios sociais, para que se torne a reprodução da fala.

Facilitar a produção de texto do leitor, dando-lhe as condições ideais para tornar-se um escritor competente, um produtor de significados, e não um mero reproduzidor de textos.

Todorov (1980, p. 49), a esse respeito, diz que os gêneros textuais funcionam como “horizontes de expectativa” para os leitores e “modelos de escrita” para os que escrevem textos, apoiando todo contexto social ao ato de produzir textos de acordo com sua realidade e contexto sociocultural.

Escrever constitui, então, um modo de interação social entre as pessoas. Quem escreve, escreve sabendo para que, e para quem está escrevendo, isto é, tem sempre uma finalidade e um interlocutor, ainda que essa escrita destine-se a si mesmo. Em outras palavras, como esclarecem Góes e Smolka (1992, p. 55), “(...) ao escrever, o sujeito enuncia o seu pensamento, com algum propósito, para si ou para o outro, configurando ou uma auto-orientação ou uma relação entre sujeitos”.

Finalizamos a discussão sobre produção textual refletindo que para produzir um texto pertinente a uma determinada situação de interação, social, é necessário, construir representações adequadas acerca dessa situação. Tais representações determinam a maneira de organizar e de estruturar o texto concreto que é produzido. E, ainda, por outro lado, como vislumbra Bronckart (1999), essas representações constituem, na verdade, uma base de orientação a partir da qual um conjunto de decisões devem ser tomadas, tais como a escolha do gênero de texto e dos recursos linguísticos que serão usados.

Diante do exposto, vislumbra-se que todo processo de leitura / intertextualidade / produção textual está envolto ao processo de escrita e vice-versa, de forma direta, os processos despertam interesse de aprofundamentos de forma que não se estará letrando e nem sendo inserido, mesmo, arbitrariamente, em uma sociedade, que grita por letramento, ou pelo básico disso, a aquisição decodificada da leitura e da escrita.

3. METODOLOGIA

3.1. Tipo e Abordagem da Pesquisa

A pesquisa ora proposta possui com uma abordagem qualitativa, defronte da prática pedagógica e linguística da professora/pesquisadora na atuação em sala com textos. A pesquisa com abordagem qualitativa caracteriza-se por ser uma descrição analítica realizada de modo fidedigno sobre o objeto pesquisado. Sendo assim, ela não se apega a idealizações ou deduções; atua, pois, auxiliando o pesquisador, vislumbrando uma análise real por meio da descrição, possibilitando uma correlação com o contexto geral (FAZENDA, 1997).

Minayo (1999) diz que a abordagem qualitativa não pode pretender o alcance da

verdade, com o que é certo ou errado; deve ter como preocupação primeira a compreensão da lógica que permeia a prática que se dá na realidade. Nisto preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, apresentando uma amostragem da realidade sem seus aspectos sociológicos e, no caso desta pesquisa, educativos.

Tal abordagem de pesquisa, também, se caracteriza por um trabalho com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

3.2. Campo de Pesquisa

A abordagem qualitativa possibilitou uma amostragem do contexto sociocognitivo dos alunos da Escola Municipal Felipe Neris Machado da cidade de Caxingó-PI, bem como da área tida como objeto desta pesquisa. Deste modo, foi viabilizado um levantamento do contexto em que é realizada a pesquisa, para assim ser feita uma intervenção eficaz, levando em consideração à realidade observada.

3.3. Instrumentos de Pesquisa

Com a pesquisa bibliográfica, caracterizada por Ruiz (2004), teremos a ampliação das generalizações teóricas, bem como estruturaremos pensamentos de sistemas e modelos dos mais variados teóricos, é o primeiro passo a ser dado em toda pesquisa, pois partindo desta se faz um levantamento do que já se disse acerca do assunto estudado, ou seja, partindo de estudos realizados, anteriormente, sobre o assunto é que se pode ter uma ampla visão do problema já citado, também, se verifica a importância desta para a sociedade em desenvolvimento.

A pesquisa bibliográfica, ainda, é entendida como um levantamento de teorias e ditos anteriores, que ajudam na formação das ideias contidas na pesquisa, ocasionando um estudo exploratório, proporcionando ao pesquisador certa familiaridade com sua pesquisa e seu objeto de estudo (ANDRADE, 2007).

3.3. Análises

Os alunos diante das práticas propostas no projeto de intervenção apresentaram posturas diferenciadas, e apontaram posicionamentos críticos de análises e reconhecimento das características dos textos apresentados.

Apresentaremos a intervenção em forma de sequência didática, com suas análises, produção inicial e produção final, seguindo o modelo utilizado por Scheneuwly e Dolz (2004, p. 08).

Quadro: Sequência Didática.

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO	<ul style="list-style-type: none">• Sensibilização com vídeos e leitura reflexiva de textos que mostram a intertextualidade;• Apreciação de vários gêneros textuais• Construção coletiva de conceitos: leitura, intertextualidade, produção textual.
PRODUÇÃO INICIAL	<ul style="list-style-type: none">• Partindo das primeiras leituras, verificar a construção dos conceitos expostos pelos alunos;• Solicitar a escolha de um gênero textual a seu prazer;• Produzir inicialmente o texto baseado na escolha feita.
MÓDULO I	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação dos conceitos de leitura, intertextualidade, produção textual;• Análise dos gêneros textuais e suas possíveis intertextualidades, contextos de produção e vida dos autores.
MÓDULO II	<ul style="list-style-type: none">• Leitura crítica e reflexiva dos textos produzidos pelos alunos
MÓDULO N	<ul style="list-style-type: none">• Comparação e análise dos gêneros que serviram como base para a intertextualidade;• Reflexão e comparação dos textos iniciais dos alunos.• Possíveis correções e sugestões aos textos produzidos.
PRODUÇÃO FINAL	<ul style="list-style-type: none">• Produção final dos gêneros escolhidos;• Leitura e apreciação dos textos produzidos;• Comparação e reflexões acerca da produção inicial e produção final;• Exposição dos textos.

Partindo da realização desta sequência como intervenção na produção textual dos alunos, verificamos que diante das motivações pertinentes e possíveis intervenções e orientações, os alunos foram conduzidos às práticas eficientes e satisfatórias da produção de texto, gerando uma reflexão e uma postura crítica, que diante da variedade de gêneros e das reflexões em sala de aula, apreciação e análise dos textos, estes eram de temáticas variadas, e configuraram entre poemas, cordéis, músicas, artigos de opinião e cartas argumentativas, todos com temas reflexivos sobre: consciência negra, política, diversidade cultural, entre outros temas relevantes e que geram reflexões sobre a vida cotidiana.

Os alunos produziram textos que interagiam com os textos inicialmente escolhidos, com certas dificuldades de manter o gênero como os poemas e cordéis, e as estruturas nestes mesmos gêneros, porém seguiam com amadurecimento de ideias e postura ética os posicionamentos sobre as temáticas propostas. Os textos corrigidos estarão em breve em um

pequeno livro que será editado pela professora de Língua Portuguesa e exposto no início do período letivo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada vez mais professores e todo sistema educacional atribuem o fracasso do aluno em suas experiências cotidianas ao fato de não saberem ler, ou seja, de não interpretarem o que foi dito, por não obterem determinado conhecimento de mundo e, ainda, por não utilizarem em sua escrita algo que seja relevante à sua vida social. Outro agravante, aliado a essa constatação, verifica-se nas questões referentes à leitura e a produção textual. Existe entre os professores a reclamação da falta de domínio das normas gramaticais preconizadas pela língua padrão e de estratégias textuais.

Para tanto, diante dessa problemática trabalhamos a nossa intervenção utilizando a intertextualidade como recurso para uma produção textual contextualizada e eficaz na melhoria da escrita e da reflexão crítica do aluno.

Além, como se sabe, da falta de capacidade argumentativa, do não exercício da formulação de ideias, conceitos e opiniões próprias. Podemos afirmar, também, que ler significa não ficar apenas no que dizem os textos, mas incorporar o que eles trazem para transformar nosso próprio conhecimento, desenvolvendo-o, de forma que se aprimore além dos conhecimentos, saberes intrínsecos à vida social. Pode-se ler de forma superficial, mas, também, se pode interrogar o texto, deixar que ele proponha novas dúvidas, questione ideias prévias e induza a pensar de outro modo.

Diante dessa realidade realizamos este projeto que visou além da pesquisa bibliográfica e reflexão acerca da temática proposta, intervir na prática do professor, viabilizando conceitos teóricos e práticos para a mudança da realidade da leitura e, conseqüentemente, da produção textual dos alunos da escola supracitada. Desenvolvendo, assim, uma consciência linguística e textual no corpo discente do 7º ano do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à Metodologia do trabalho Científico**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

BAKHTIN, Michael. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERNARDIN, Jacques. **As crianças e a cultura escrita.** Trad. Patrícia Chi-toni R. Reuliard. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília. 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos:** por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar:** um diálogo entre a teoria e a prática. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

GÓES, Maria C. R.; SMOLKA, Ana L. B. A criança e a linguagem escrita: considerações sobre a produção de textos. In: ALENCAR, Eunice S. (org.). **Novas contribuições da Psicologia aos processos de ensino e aprendizagem.** São Paulo: Cortez, 1992.

LEAL, Telma F. & LUZ, Patrícia S. **Produção de textos narrativos em pares:** reflexões sobre o processo de interação. Educação e Pesquisa, vol. 27, no 01, 2001, p. 27-45.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais:** o que são e como se classificam? Recife, Loyola, 2000.

_____. A. **Gêneros textuais:** definição e textualidade. Em: Dionísio, A. P.; Machado, A. R. & Bezerra, M. A. Gêneros textuais e ensino Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2002. p. 19 a 36.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica.** Editora Atlas. São Paulo, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 10.ed. São Paulo, Cortez, 2005.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Os gêneros escolares:** das práticas de linguagem aos objetos de ensino. Revista Brasileira de Educação – ANPED, no 11, 1999. 5-16.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TODOROV, T. **Os gêneros do discurso.** Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ZAYAS, Felipe & ESTEVES, Pilar P. **A língua e a literatura no desenvolvimento das capacidades dos alunos.** Em Cool, César & Martín, Elena. (org.) Aprender conteúdos & desenvolver capacidades. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2004.